

Centro Regional Universitário de E. S. do Pinhal
Curso de Educação Física

LUCIANO JANNUZZI

“Nas voltas que o mundo deu, nas voltas que o mundo dá”

Capoeira:

Dança, Luta, Jogo, Arte ou Educação Física?

ESPÍRITO SANTO DO PINHAL – SP

2007

LUCIANO JANNUZZI

“Nas voltas que o mundo deu, nas voltas que o mundo dá”

Capoeira:

Dança, Luta, Jogo, Arte ou Educação Física?

Monografia apresentada à UNIPINHAL como exigência para obtenção do Título de Licenciatura Plena em Educação Física, no curso de Educação Física.

Orientador:
Prof. Ms. José Rafael Madureira

ESPÍRITO SANTO DO PINHAL – SP

2007

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA UNIPINHAL

J33n Jannuzzi, Luciano
Nas voltas que o mundo deu, nas voltas que o mundo dá. Capoeira/ Luciano Jannuzzi.
Espírito Santo do Pinhal: UNIPINHAL , 2007.

45 p.

1. Capoeira. 2. Educação física. 3. Arte . I. Título.

CDU 613.71

LUCIANO JANNUZZI

“Nas voltas que o mundo deu, nas voltas que o mundo dá”

Capoeira:

Dança, Luta, Jogo, Arte ou Educação Física?

Monografia apresentada à UNIPINHAL como exigência para obtenção do Título de Licenciatura Plena em Educação Física, no curso de Educação Física.

Prof. Ms. Conrado Augusto Gandara Federici – UNIPINHAL

Prof. Ms. José Rafael Madureira – UNIPINHAL

ESPÍRITO SANTO DO PINHAL, 19 DE NOVEMBRO DE 2007.

Dedicatória

Dedico este trabalho a meus pais, Pedro Paulo e Vera Marta, meu irmão Cristiano, meus avós: Paulo (em memória) e Elza; José Luis e Cidinha, a minha mãe de criação Leonice (la), a minha namorada Carol que sempre está presente em minhas conquistas, a todos meus tios e tias, em especial ao tio Junior (em memória), a meus primos, em especial aos que cresceram comigo: Heitor, Vitor, Celso, Luisinho, Henriquinho e aos meus amigos, em especial: Thiago, Edivaldo e Alexandre Cintra.

Dedico também este trabalho a pessoa que me ensinou a capoeira, Xavante, a todos meus companheiros da academia: João, Davi, Bilu, Carol, Baixinho, Ique e aos amigos Rogério, Cosme, Ellen, Thiago, Marina, Viviane, aos alunos do Projeto Capoeiragem, Aparecidinha, Sapequinha, Centro de Reabilitação de Dependentes Químicos e a todos integrantes do Capoeira Luanda, em especial ao Contra Mestre Guerreiro, Contra Mestre Apache e ao grande Mestre Jelon.

Agradecimentos

Agradeço primeiramente a Deus, ao meu orientador Prof. José Rafael Madureira, pelo incentivo e atenção, ao Prof. Conrado Augusto Gandara Federici, por fazer parte da banca examinadora deste trabalho, a todos meus alunos de Mogi Mirim-SP, aos integrantes da família Capoeira Luanda, aos profissionais que sempre me incentivaram e apoiaram: Graziete, Lucia, Bia, Alexandre, Lucio, Cilene e Conceição; aos professores: Luis Antônio, Gilmar, Beth, Ricardo, Ilton, Nelsinho, Sabrina, Sinoê, Ique, Gleise, Augusta, Cadan, Yudi e Alex; a todos os capoeiristas: mestres, contra mestres, professores, instrutores, graduados e alunos que acreditam em meu trabalho.

Enfim, agradeço todas as pessoas que de uma forma ou de outra apoiaram e ajudaram a minha formação pessoal e profissional.

Assim, penso que estamos sempre aprendendo e só deixando de fazê-lo quando morremos. Estar vivo é, sobretudo, estar aprendendo. Mas há diferentes saberes no mundo em que vivemos e há também múltiplos itinerários para sorvê-los, para neles mergulhar. É possível até dizer que *“os itinerários para a cultura são múltiplos, mas nunca inteiramente sinalizados”*.

Carmen Lúcia Soares

Resumo

No presente trabalho realizei uma pesquisa bibliográfica sobre a capoeira, conceituando suas dimensões através da análise histórico-filosófica, dividindo seus tratamentos em Dança, Luta, Jogo, Arte e Educação Física considerando suas características como tais e estudando suas possibilidades para assimilar cultura, enumerando assim as contribuições para a área da Educação Física, ou seja, para o âmbito da Educação. Através das análises transcorridas durante o trabalho percebemos o quanto essa manifestação cultural presente em nosso país e hoje difundida em todo o mundo, vêm sendo valorizada e indicada para proporcionar novos conhecimentos ao ser humano. Depois de estudar e analisar as dimensões da capoeira percebemos que se tratarmos essa manifestação como uma arte, ampliamos seus horizontes e perpetuamos sua cultura, rompendo preconceitos e aumentando suas possibilidades enquanto instrumento de promover educação, ultrapassando barreiras e limites ditados pela sociedade, ou seja, a padronização, regramento e enquadramento. Chegamos à consideração final que a capoeira não pode ser transformada em um esporte, pois fazendo essa delimitação, perdemos características essenciais que sobreviveram diante do compromisso dos mestres antigos em estarem transmitindo toda a tradição e transformaremos essa arte em mais um produto descartável da indústria cultural.

Palavras-chave: Capoeira, Educação Física, Arte.

Sumário

1. Introdução	01
2. Capoeira é Dança?	02
3. Capoeira é Luta?	08
4. Capoeira é Jogo?	12
5. Capoeira é Arte?	19
6. Capoeira é Educação Física?	24
7. Considerações finais	32
8. Referências bibliográficas	34
9. Anexos	39

1. Introdução

A capoeira surgiu entre os escravos como um grito de liberdade. Os negros da África, a maioria da região de Angola, foram trazidos para o Brasil para trabalharem nas lavouras de cana de açúcar como mão de obra escrava. A vida desses negros consistia em trabalhar de sol a sol para os senhores portugueses que exploravam as riquezas brasileiras desde o descobrimento. Chegando à nova terra, os escravos eram repartidos entre os senhores feudais, marcados a ferro em brasa como gado e empilhados na sua nova moradia: as prisões chamadas senzalas, onde os colonizadores agrupavam os africanos de diferentes tribos, com hábitos, costumes e até línguas diferentes, eliminando, assim, o risco de rebeliões.

Diante de tanto sofrimento os negros criaram a capoeira, uma arte tão bonita e completa que foi usada como instrumento de defesa, em busca da ascensão da liberdade e hoje em dia está presente em todo o mundo como mais uma maravilhosa expressão corporal.

Venho notando que a capoeira está sendo mecanizada e transformada em uma atividade de fitness (ginástica aeróbica desenvolvida em academias), valorizando apenas a quantidade de calorias gastas com sua prática e a modelação do corpo, deixando de lado seus benefícios mais importantes que irei conceituar nesta pesquisa.

Com as experiências adquiridas ao longo da minha carreira como professor de capoeira, percebi que esta manifestação afro-brasileira possui um leque riquíssimo no quesito de educação.

Neste trabalho realizarei uma pesquisa bibliográfica, tentando analisar e entender as dimensões da capoeira e suas possibilidades no âmbito da educação, levando em conta sua pluralidade de expressões e suas formas de adquirir cultura.

Primeiramente conceituaremos as dimensões da capoeira e dividiremos esta manifestação em: Arte, Luta, Dança, Jogo e Educação Física, analisando suas características como tais e estudando suas possibilidades para assimilar cultura. No final do trabalho farei as considerações finais e enunciarei essas dimensões existentes na capoeira.

2. Capoeira é Dança?

A cultura brasileira possui uma imensa gama de manifestações culturais adquiridas através dos tempos. De acordo com movimentos, expressão e sons promovidos por nosso corpo, ou seja, a necessidade humana de sentimentos e perpetuar costumes. Assim faziam os escravos, utilizando seus próprios corpos para manifestar seus desejos através da dança.

Todas as culturas têm algum tipo de manifestação rítmica e/ou expressiva. No Brasil existe uma riqueza muito grande dessas manifestações. Danças trazidas pelos africanos na colonização, danças relativas aos mais diversos rituais, danças que os imigrantes trouxeram em sua bagagem, danças que foram aprendidas com vizinhos de fronteira, danças que se vêem pela televisão (BRASIL, 1997, p. 39).

Segundo Adorno (1999) a expressão corporal nos ensina há milênios uma linguagem sem palavras que permite a comunicação, estabelece a fraternidade nos gestos comuns, a dança revela os sentimentos e evidencia idéias. Era disso que se serviam os escravos, protestando e reivindicando seus direitos e desejos, expressando a linguagem do corpo na revolta, na insubordinação às regras escravocratas, fugindo de seus senhores, formando quilombos, afirmando sua cultura.

Essa busca de afirmação cultural até hoje está viva, as danças afro-brasileiras permanecem acopladas na pluralidade da capoeira, estas que serviram como pilar de sustentação, camuflando a luta libertina e enganando a sociedade feudal.

Ao som dos atabaques permanecia vivo o culto aos orixás e outras danças das quais se perdeu a memória, mas de onde nasceria o jogo da Capoeira: os movimentos de corpo dos africanos - gestos ancestrais preservados em suas danças - serviram com base para a elaboração de uma luta coletiva; afinal, os meneios de corpo, o jeito solto e ágil, servem perfeitamente tanto ao fascínio da dança quanto à magia da luta (ADORNO, 1999, p. 17).

Vários estudiosos, antropólogos e historiadores tentam definir a origem da capoeira, alguns estudos indicam que a capoeira surgiu a partir de danças africanas.

Voltando a mencionar das danças afro-brasileiras, as contribuições para nossa cultura são imensas, onde essas danças eram feitas com um caráter duplo, como a

capoeira, para protestar e também para o divertimento, em momentos festivos de alegria, citando como exemplo: o maculelê¹, a puxada de rede², a dança guerreira³, dança do fogo⁴, samba de roda ou umbigada⁵, frevo ou passo⁶, etc.

Nas manifestações afro-brasileiras, mais concretamente nos momentos de festa, registra-se um número considerável de manifestações em que a dança e a música demarcam traços de africanidade, sem, contudo, confirma-se, a presença de aspectos religiosos ou mágicos no momento da sua realização, antevendo-se, em algumas das expressividades manifestas, simples atos de puro divertimento dos negros nessa nova terra e nos momentos consentidos pelos seus senhores.

Dentre essas formas de expressão, pode-se referir terem ocorrido muitas vezes, isolada ou concomitantemente, o lundu, o jongo, o batuque, o maracatu, o samba e, inclusive a capoeira, salientando-se nessa última manifestação, em face de registros documentais do século XIX (ARAÚJO, 2002, p. 109).

Atualmente a capoeira é considerada como uma das mais expressivas e conhecidas manifestações da cultura brasileira, pois no período da escravidão houve a necessidade de camuflar a luta em dança, para que os opressores não a represarem. Nesta dança, instrumentos de percussão de diversas origens foram utilizados, o berimbau - principal também acompanhado pelo atabaque, pelos pandeiros, agogô e reco-reco, formando assim um conjunto de instrumentos a serviço desta arte.

Dentre as composições poéticas elaboradas pelos capoeiristas, destacamos as chulas, corridos e ladainhas. Essas formas musicais serviam para preservar alguns

¹ Tipo de [dança](#), bailado, que se exhibe na [festa de Nossa Senhora da Purificação](#), na cidade de [Santo Amaro, Bahia](#). Acredita-se ter evoluído do [cucumbi](#) (antigo [folguedo](#) de negros) até tornar-se um misto de dança e [jogo de bastões](#) (BIANCARDI, 2006).

² Dança que ilustra a pescaria do xaréu (espécie de peixe), ao som de instrumentos musicais (atabaques, agogô, etc.) e cânticos tradicionais da cultura baiana (BIANCARDI, 2006).

³ Dança guerreira: manifestação folclórica retratando as guerras tribais que aconteciam no continente africano, onde seus representantes utilizam uma lança e um escudo em mãos para simbolizar essas batalhas.

⁴ Dança afro-brasileira onde seus praticantes utilizam o elemento fogo como expressão, retratando toda a revolta de um povo escravizado.

⁵ Dança bailada que surgiu através do batuque e deu origem ao gênero do samba, era realizado ao som de berimbaus, atabaques e pandeiros, onde seus dançarinos dispostos em roda realizavam movimentos encostando o umbigo uns nos outros para escolher seus parceiros (BIANCARDI, 2006).

⁶ Folguedo que mistura dança e folia originário das festas carnavalescas do estado de Pernambuco, onde seus criadores foram capoeiristas que torciam por blocos festivos diferentes.

traços culturais dos mais distintos povos traficados, revivendo os acontecimentos da vida ancestral, como mitos e lendas, vocábulos, tradições e costumes dos capoeiristas (ARAÚJO, 2002).

Considerando que a tradição oral buscou sempre enquadrar a capoeira nos seus primórdios no Brasil como uma manifestação de cariz guerreiro, logo, como uma prática corporal compreendida no âmbito das expressões marciais, constituída, em princípio, para opor-se aos seus subjugadores nos combates corpo a corpo pela tática de guerrilha, foi essa, ao longo do tempo a face das mudanças sociais ocorridas no Brasil colonial e imperial, adaptando-se novos contextos e a novas formas de expressividade, sendo a dança, inicialmente, o seu veículo de sobrevivência social e, conseqüentemente de preservação de valores culturais africanos ancestrais (ARAÚJO, 2002, p. 110).

Diante das manifestações da cultura afro-brasileira, podemos analisar que todas as danças e lutas eram inseparáveis e por causa desta característica em comum, suas práticas eram unificadas. Reis (2001, p. 85) afirma que: “a dança parece ser um elemento de extrema importância para a compreensão do que é capoeira”.

Entendemos, assim, que a capoeira parece ser uma prática realizada conjuntamente com outras, onde houvesse batuque podiam estar os capoeiras, onde tivesse o samba, a folia de reis e até mesmo o frevo, em Pernambuco. É possível que os mesmos personagens estivessem presentes. Por isso a prática da capoeira foi considerada generalizada nas principais cidades do país, como Recife, Salvador e Rio de Janeiro, no final do século passado (BARÃO, 1999, p. 58).

Carneiro (1982) afirma que o samba é o nome dado ao antigo batuque, que na Bahia era uma luta de destreza corporal e seu objetivo era derrubar o adversário e em São Paulo e Rio de Janeiro era designado como samba de umbigada. O autor diz: “a toda e qualquer dança ao som de atabaques dá-se, depreciativamente o nome de batuque” (p. 27).

O batuque, também chamado de pernada, é mesmo, essencialmente, uma divisão dos antigos africanos, com especialidade dos procedentes de Angola. Onde há capoeira, brinquedo e luta de Angola, há batuque, que parece uma forma subsidiária da capoeira (CARNEIRO, 1982, p. 109).

Annunciato (2006) explica a associação do batuque com a capoeira, pois o samba de umbigada, ou seja, samba, era um batuque, a capoeira estava ligada ao samba por meio dos instrumentos musicais e aos próprios jogadores que sambavam jogando capoeira. Então podemos entender que o samba surgiu do batuque e da capoeira.

Outra dança criada pelos capoeiristas é o passo, ou seja, o frevo, difundida no estado do Pernambuco, nas cidades de Recife e Olinda.

A hora final chegou para as maltas do Recife mais ou menos em 1912, coincidindo com o nascimento do passo ou frevo, legado da capoeira". As bandas rivais do Quarto (4º Batalhão) e do Espanha (Guarda Nacional) desfilavam no carnaval pernambucano protegidos pela agilidade, pela valentia, pelos cacetes e pelas facas dos façanhudos capoeiras, que aos saracoteios desafiavam os inimigos (CARNEIRO, 1975, p. 4).

Segundo Biancardi (2006) várias manifestações acoplaram-se para a formação da cultura afro-brasileira. A puxada de rede do xaréu é uma das danças que foi herdada no tempo da escravidão, sobretudo pelo aspecto folclórico, que transforma um labor fatigante em uma das mais agradáveis atrações das praias baianas. Era um episódio de trabalho na vida dos negros, mas como todo episódio árduo, não deixava de ser música, poesia e dança, afinal em todas as atividades diárias, sendo de trabalho ou de ócio, utilizando da música, da arte, da dança e do jogo para uma espécie de harmonização da sua vida.

No estado da Bahia, precisamente na cidade de Santo Amaro da Purificação, resistiu o Maculelê, tendo como principal contribuidor o Mestre Popó do Maculelê.

Maculelê – manifestação de dança dramática em que os participantes, geralmente do sexo masculino, dançam em grupo entrechocando as "grimas", ao compasso de atabaques e ao som de cânticos, esses em português popular, mesclando com palavras oriundas de línguas africanas (BIANCARDI, 2006, p. 57).

Diante de tantas danças, a capoeira sofreu diversas influências para transformar-se nessa dança lutada. Um dos aspectos que mais a aproximam da dança é a ginga, onde esta é conduzida pelo ritmo da bateria, como afirma Carneiro (1975, p. 5): “A ginga do capoeira, sublinhada pelas chulas ao som de berimbaus e pandeiros, dá ao jogo uma aparência de dança”. Para Reis (1997, p. 129) “A ginga é ritmada ao som do berimbau. Por intermédio dela, o corpo dos capoeiristas descreve círculos no espaço circular da roda, o corpo dança, aproximando a capoeira do lúdico”. Segundo Lório; Darido (2005) “No momento em que se toca no assunto música e gestualidade corporal, a ligação com a dança aparece. Da dança podemos citar a ginga como sendo um ponto que a aproxima da capoeira” (p. 270).

A partir dessas afirmações feitas pelos autores podemos refletir a importância da dança para a capoeira, percebendo também o caráter lúdico presente.

A dança é uma parte integrante do jogo: há uma relação de participação direta, quase de identidade essencial. “A dança é uma forma especial e especialmente perfeita do próprio jogo” (HUIZINGA, 2000, p. 184).

A dança na capoeira, imbricada no jogo, expressa-se no gingado em que o corpo todo se embala ao som de berimbaus, pandeiros, atabaque, cantos e palmas, descrevendo círculos no espaço da roda e fazendo com que o sujeito lute dançando e dance lutando (FALCÃO, 2004, p. 154).

Justamente por apresentar características de dança, a capoeira pode disseminar por todo o mundo resistindo à perseguição e se tornando essa cultura tão imensa, carregando consigo, não só a capoeira propriamente dita, mas mantendo tradições de danças dramáticas.

Para Wheelock (1989), citado por Reis (2001, p. 85) “a capoeira é como o Jazz americano em seu início [...] é um ‘beat’, um ‘swing’, uma pulsação, um movimento. É a maneira como as pessoas se movimentam, pensam e se comportam em suas vidas”.

A capoeira tornou-se mais do que uma dança, ela acaba se tornando uma arte corporal, onde seus adeptos assimilam valores e através dos tempos, de simples discípulos, passam a ser mestres, disseminando essa cultura.

Não é improvável que a dança, por exemplo, passe a ser tratada como mera “atividade física” e, como tal passe a ser tratada a partir de parâmetros ditados pelos programas de treinamento esportivo de alto rendimento, ou mesmo regulamentada a partir de paradigmas médicos de higiene e saúde. Esta realidade, de fato, alastra-se no campo da dança e outros espaços de festa e de celebração da vida (SOARES; MADUREIRA, 2005, p. 85).

Ainda segundo Soares; Madureira (2005) não devemos tratar a dança, a capoeira ou outra expressão como simples atividade física ou como compensação da jornada de trabalho estressante. Devemos tratar a dança, ou seja, a capoeira, como uma expressão poética do corpo, como uma experiência única, pessoal e subjetiva, não atendendo as normas da sociedade, mas sim, contemplar a beleza dos corpos, onde estas são múltiplas, conscientes da própria materialidade e sensíveis à expressividade dos outros.

O corpo, matéria da criação em dança, não podia ser subjugado pela técnica. A técnica é apenas um modo racional de intervenção poética, é apenas uma ferramenta a ser incorporada durante a formação do artista, não podendo jamais substituir a capacidade de transcrição do intérprete. Ela amplia possibilidades de intervenção poética permitindo ao artesão do corpo uma maior liberdade de expressão. Ao final da concepção, o virtuoso técnico, bem como a força física, devem ser colocados de lado. Não é que o corpo que se vê, mas a ilusão que ele projeta em si mesmo (NOVERRE, s.d. *apud* SOARES; MADUREIRA, 2005, p. 79).

Ensinando a capoeira utilizando essa dimensão de dança, podemos quebrar preconceitos, onde estes fazem uma pressuposição da capoeira como uma forma só de luta. Através da imensa pluralidade de danças afro-brasileiras podemos assimilar cultura, perpetuar essas tradições e contribuir para que estas danças não desapareçam da nossa história.

Demonstrando a gama de manifestações que a capoeira agrega, ou seja, as danças afro-brasileiras que são mantidas vivas pelos capoeiristas, tendo como grande importância conforme indica Mestre Zulu (1989), o conhecimento das danças africanas como o n'golo, cujuinha, cuissamba, uianga e etc., mantendo tradições de um povo responsável por grande parcela da formação da cultura brasileira.

3. Capoeira é Luta?

Desde a criação da capoeira a dimensão de luta sempre esteve presente, formando um dos pilares desta manifestação cultural. O escravo criou a capoeira como uma forma de resistência à sua condição de vida, na época da escravatura.

Diversos autores acreditam que a capoeira surgiu do processo de aculturação do negro africano no Brasil, do advento da escravidão, tornando-se assim uma resistência cultural na manifestação e disseminação da cultura afro-brasileira no processo de formação da identidade do nosso país (REIS, 2001).

Para Lório; Darido (2005) a capoeira nos seus primórdios (escravidão) e no período logo após a libertação dos escravos, apresentava características de luta, podendo utilizar como exemplos: a luta dos escravos fugitivos, a luta de sobrevivência dos quilombos e os combates entre as maltas - grupos de capoeiristas foras da lei - e a polícia.

E o termo capoeira, nome dos guerreiros das capoeiras e de sua estranha forma de luta, que tornava homens desarmados capazes de enfrentar e vencer vários adversários, corporifica ainda hoje nos jovens praticantes do século XXI. Assim é que a luta dos africanos e seus descendentes afro-brasileiros subsiste no jogo da capoeira (ADORNO, 1999, p. 18).

Usou-se esta arte em diferentes períodos e necessidades como vimos acima e atualmente ensinando e apresentando capoeira como forma de fonte de renda. A luta sempre esteve presente na vida dos capoeiras, sendo ela de uma forma marcial ou como forma de trabalho.

Tratamentos da capoeira na forma de arte marcial são definidos por vários autores: "Capoeira-Luta - representa a sua origem e sobrevivência através dos tempos na sua forma mais natural, como instrumento de defesa pessoal genuinamente brasileiro" (CAMPOS, 1990, p. 15).

Falcão (2004) descreve que a luta está inserida nas origens desta manifestação e se expressa através de golpes desequilibrantes, traumáticos e acrobáticos, em uma alternância constante de ataques e defesas, observando na capoeira que o jogo e a dança contribuem para uma dissimulação do componente luta, não se efetivando um

confronto direto, mas sobre uma constante variação de ações e reações através da ginga, fazendo uma interpenetração do jogo, da dança e da luta.

Para Reis (1997) a aparência de oposição entre a rebeldia passiva e a rebeldia ativa determina a ambigüidade do jogo da capoeira e de seus movimentos corporais por permitir disfarçar a luta sob a forma de dança, e é através da ginga que ocorre essa ambivalência. Algranti (1988) citado por Soares (2004, p. 74) diz: “é difícil distinguir onde termina a arte marcial e começa a brincadeira ou “folgado”, para utilizar a linguagem de outrora”.

Podemos analisar nestas tentativas de conceituar a capoeira como luta, que em quase todas elas existe uma associação com a dança e o jogo, acarretando assim em uma pluralidade estética. Outra característica predominante nos capoeiristas é a mandinga, ou seja, a magia existente em momentos de sua luta.

Embora na hora da luta traga ele, entre a dentadura podre, o ferro da hora extrema, é a cabeça, braço, mão, perna ou pé que se vale para abater o êmulo minaz. Com a cabeça em meio aos pulos em que anda, atira a cabeçada sobre o ventre daquele com quem luta e o derruba. Com a perna lança a *trave*, o *calço*. A mão joga a *tapona*, e com o pé a *rasteira*, o *pião*, e ainda o *rabo de arraia*. Tudo isso numa coreografia de gestos que confunde. Luta com dois, com três, e até com quatro ou cinco. E os vence a todos. Quando os quadrilheiros chegam com suas armas e os gritos de justiça sobre o campo da luta nem traço mais se vê do capoeira feroz que se fez nuvem, fumaça, e desapareceu (SOARES, 2004, p. 47).

Neste trecho do livro de Carlos Eugênio Libano, podemos evidenciar a magia do capoeirista, onde quando a situação estava complicada, o malandro sumia como uma fumaça.

O capoeirista não usava a sua arte só como uma luta, mas várias facetas desta manifestação existiram e continuam relacionadas, fazendo com que outras dimensões como a arte, o jogo, a dança e a música se interpenetrem, tornando a Capoeira em um jogo cheio de incertezas e impresibilidades, onde não se sabe ao certo, ou seja, fica difícil conceitua-lo em uma única dimensão de tratamento.

Uma das características principais da capoeira é a mandinga, sem esta, essa arte desliga-se de suas tradições, entendendo tradições conforme Barão (1999) como algo mutável, em constante re-elaboração, que mantém traços do passado e incorpora

novos. Tradição não é aquilo que se repete tal a qual. Toda tradição permite mudanças e terá a sua continuidade reconhecida desde que os seus praticantes reproduzem certos princípios básicos daquela prática, então toda tradição admite variantes e estilos diferentes. Desta forma, a capoeira persuadiu sobre os tempos sempre camuflando seus objetivos, tornando-se uma aglomeração de sentimentos.

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais de Educação Física:

As lutas são disputas em que o(s) oponente(s) deve(m) ser subjugado(s), mediante técnicas e estratégias de desequilíbrio, contusão, imobilização ou exclusão de um determinado espaço na combinação de ações de ataque e defesa. Caracterizam-se por uma regulamentação específica, a fim de punir atitudes de violência e de deslealdade. Podem ser citados como exemplos de lutas desde brincadeiras de cabo-de-guerra e braço-de-ferro até as práticas mais complexas da capoeira, do judô e do caratê (BRASIL, 1997, p. 37).

Analisando a capoeira sobre essa concepção de luta, podemos evidenciar que essa manifestação perde características importantes, onde estas garantiram a sua sobrevivência através dos tempos. Para Silva (1993) existe hoje uma hierarquia de poder dentro da capoeira em geral, relacionada com a performance do lutador que pode ser resumida em: “quem pode mais, chora menos”. Esta lógica, típica do mundo moderno, conduz os movimentos em direção a uma escala de valores onde o melhor supera sempre o adversário.

Carneiro (1975) indica que existiram várias manifestações contribuintes para a sobrevivência da capoeira. Na Bahia, era o batuque, podendo até chegar ao samba de umbigada; no Rio de Janeiro, a pernada, banda e batuque; no Maranhão, a pungã e o tambor de crioula e no Recife, o passo, ou seja, o frevo.

Então se levarmos em conta toda essa diversidade da capoeira, não podemos caracterizá-la só como luta, mas sim aproveitar toda gama de elementos existentes nessa cultura.

a capoeira é reconhecida como única luta no mundo em que seus lutadores se confrontam ao som de cânticos executados pelos demais componentes. Além disso, é possível afirmar que os cânticos de capoeira representam o mais significativo espaço de representação dos conflitos gerados no contexto desta arte-luta (FALCÃO, 1996, p. 108).

Através de suas tradições (cantos) é demonstrado o sofrimento, ou seja, o cotidiano dos negros no Brasil, a repressão da capoeira e a negação da cultura afro-brasileira, que contribuiu e vem contribuindo com a formação do brasileiro e da população mundial, pois a capoeira está difundida por todo o mundo como uma luta pela liberdade.

O ponto alto da luta sempre foi resistir: contra o preconceito, a discriminação disfarçada; contra oportunistas e aproveitadores astuciosos que se apropriam dos valores da nossa cultura e tentam adulterá-la, fazendo isto de tal forma que ao negro é mesmo vedado o acesso à manifestação que deram origem. O jogo da Capoeira é a luta de resistência de um povo que sempre reagiu à dominação das elites que detêm o poder: a luta da Capoeira é insubordinação, é subversão, é reação, mais que nunca reafirmando o principal valor do homem: liberdade (ADORNO, 1999, p. 5).

Para Taffarel (2004) temos que considerar as tradições da capoeira e não deixar que ela se torne uma espécie de produto cultural, gestada em uma lógica onde o mercado orienta sua produção, quanto à distribuição, a circulação e o consumo, promovendo assim um caráter capitalista sobre materiais como: didáticas de aulas (franquias), vestiários, instrumentos musicais, graduações (hierarquia na capoeira como: professor, contra mestre e mestre) etc.

Concordando com Falcão (2004), a principal luta do capoeira deve ser direcionada para a construção de um mundo mais justo, universal e livre, contra a discriminação, o preconceito e a opressão, mantendo a chama do negro por sua ânsia de liberdade.

4. Capoeira é Jogo?

Quando falamos em jogo, podemos conceituá-lo em diversas épocas, estilos, formas e estruturas, sendo ele influenciado pelo período político, classe social e costumes da sociedade. Os jogos serviram desde definir batalhas, ou seja, guerras, até escolher casamentos, entre eles existem regras, tempo e espaço estabelecidos.

Como a realidade do jogo ultrapassa a esfera da vida humana, é impossível que tenha seu fundamento em qualquer elemento racional, pois nesse caso, limitar-se-ia à humanidade. A existência do jogo não está ligada a qualquer grau determinado de civilização, ou qualquer concepção do universo. Todo ser presente é capaz de entender à primeira vista que o jogo possui uma realidade autônoma, mesmo que sua língua não possua um termo geral capaz de defini-lo (HUIZINGA, 2000, p. 6).

O jogo é uma atividade voluntária, exercida dentro de determinados limites de tempo e de espaço, segundo regras definidas pelos próprios jogadores, acompanhado de sentimentos como alegria, tristeza e de uma consciência de ser diferente da vida cotidiana (HUIZINGA, 2000, p. 33).

De acordo com Lopes; Madureira (2006) o jogo encanta jogadores e observadores, pois foge da realidade ordinária, fazendo com que ocorra uma nova proposta, sempre ocasionando mudanças, instaurando uma nova realidade de caráter ficcional regida por regras próprias. O jogo seduz, é uma atração que absorve jogadores e espectadores. Esse envolvimento social nos indica a abertura de um espaço extra-cotidiano orientado por um tempo próprio e independente dos acontecimentos que o cercam. “O jogo não tem objetivo, é uma prática de divertimento e integração social e cósmica” (LOPES; MADUREIRA, 2006, p. 20).

E era jogando capoeira que se serviam os escravos, praticando-a em momentos de ócio tendo esta manifestação como divertimento. No jogo da capoeira tudo é possível e a combinação de elementos: a música, os instrumentos, a interação dos que estão presentes, os jogadores e observadores se integram formando um momento único. O jogo sempre estabeleceu uma nova realidade, tornando-se uma proposta de divertimento, alegria e interação.

As práticas de proveniência africana adquiriram condição afirmativa conforme os efeitos de sua operação e o jogo de forças sociais local. A exemplo, os “folgedos” não eram vistos exclusivamente como perniciosos, mas também como forma de descanso aos indivíduos escravizados, possibilitando assim a perpetuação das condições produtivas econômicas, sendo afirmados, portanto, pelos senhores (ANNUNCIATO, 2006, p. 26).

Esses folgedos que o autor afirma ter um duplo caráter, ou seja, luta e divertimento, tem como principal representante a capoeira, como podemos evidenciar. De certo modo, essas atividades de divertimento sempre estão cercadas de componentes lúdicos, começando pelo aspecto de brincadeira, chegando até em caráter de luta. Quando presenciamos uma roda de capoeira, percebemos como os movimentos e as expressões se manifestam, entrando em sintonia com o ritmo, com a música e com o jogo propriamente dito, ocasionando um momento de diálogo, onde o capoeirista que está mais presente, mais inspirado, coloca seu companheiro em situações complicadas de jogo, fazendo com que ele desperte sua capacidade criativa e improvisação.

Essa característica de jogo que se faz em constante união com as outras dimensões, interpenetrando e aumentando a pluralidade da capoeira. Huizinga (2000) afirma que são íntimas as relações entre o jogo e a dança, nem precisando exemplificá-las.

a capoeira parece possuir aspectos éticos bastante peculiares e que demonstram uma relação harmônica em uma convivência social protagonizada por participantes de um jogo. Desta forma, a capoeira é um jogo (REIS, 2001, p. 81-2).

O jogo é a dimensão mais eloqüente na capoeira, todo capoeirista diz: “vamos jogar capoeira?” e não “vamos lutar capoeira?”. No jogo podemos assimilar a luta, a dança e a arte. O objetivo que norteia o jogo da capoeira é saber conviver, adaptar e improvisar no jogo da vida, estando sempre preparado para enfrentar situações adversas.

O jogo da capoeira retrata uma “negociação” entre os jogadores. Utilizando-se de surpresas maliciosamente aplicadas, neste caso é o poder criativo e a individualidade espontânea de cada um. Esta capacidade parece estar acima de força física e tornam-se uma constância nos jogos de capoeira. Simula-se ataque e defesa, tornando-se luta ambígua. A ludicidade e a combatividade estão presentes, mas não se antagonizam (REIS, 2001, p. 87).

Através da capoeira podemos encontrar uma pluralidade de características individuais ou coletivas, onde essas características são expressas na hora do jogo, causando assim uma diversidade de reações corporais e anímicas. Encontramos relações opostas se interligando, como é o caso de um capoeirista experiente com o novato, estatura alto com a baixa, diferentes etnias, promovendo assim uma integração social única.

O iniciante deve perceber que um jogo não é somente uma troca de golpes. Se prestarmos atenção, a gente vê mais diferentes e inesperadas reações e emoções aparecem na fisionomia, nos gestos, no corpo e na movimentação dos jogadores. E após ele mesmo jogar, o iniciante se surpreende com o que lhe veio à cabeça, coisas que ele não suspeitava existir dentro de si (CAPOEIRA, 1985, p. 106).

Outro aspecto importante para se destacar na capoeira é a integração dos participantes, sendo na hora de jogar, no momento de reger a bateria⁷ ou até mesmo em acompanhar o ritmo e a música através do coro que responde ao solista e o acompanhamento do ritmo com as palmas.

Segundo Falcão (2006) como construção social, que permanentemente se manifesta, e como manifestação cultural que permanentemente se constrói, o jogo da capoeira é influenciado pelo tempo histórico em que se situa, alterando sua essência e tradições, tornando-se uma espécie de produto, hoje descartável como todo “lixo” produzido pela indústria cultural de massa. Em outros tempos a capoeira era carregada de espírito lúdico, surpresa, malícia e imprevisibilidade, mas atualmente tem se

⁷ Conjunto de instrumentos utilizados roda de capoeira. Na capoeira angola utiliza-se: 3 berimbaus (gunga, médio e viola), 2 pandeiros, 1 atabaque, 1 agogô e um reco-reco. Na capoeira regional a bateria é denominada de charanga, composta de 1 berimbau e 2 pandeiros. Na capoeira contemporânea geralmente utiliza-se: 3 berimbaus (gunga, médio e viola), 2 pandeiros e 1 atabaque.

apresentado como mera competição, performance e espetacularização esvaziada do corpo.

“Todo e qualquer jogo é regido pela incerteza e imprevisibilidade de resultados. [...] em contrapartida, as tensões do jogo afrouxariam e a atividade lúdica perderia seu encantamento inicial” (LOPES; MADUREIRA, 2006, p. 12).

Os praticantes desta manifestação acabam rompendo valores herdados pelos ancestrais e distorcendo elementos essenciais mantidos por gerações, tornando a capoeira em uma espécie de mercadoria vendida em prateleiras de grandes centros que cultuam o corpo e o poder gerado pelas suas ações, utilizando falsos ideários e chegando a valer-se da violência para alcançarem seus objetivos.

As rupturas, que se operam progressivamente no contexto da capoeira, apresentam grande semelhança com o processo de transformação dos jogos populares em esportes enquanto práticas específicas da era moderna (FALCÃO, 1996, p. 65).

Para Lopes; Madureira (2006) no jogo as tensões físicas não podem ser fingidas, o que comprometeria imediatamente a efervescência de uma partida, de uma dança ou de uma representação teatral. Simular um jogo ou simular tensões do jogo é arrancar dele o encantamento. Não nos referimos aos blefes, fintas, trapaças e infinitos truques que o jogador possa apresentar. Não podemos tornar o jogo em uma prática esportiva, pois se isso acontecer, toda sua forma livre e lúdica perde o brilho.

Na verdade, pouco se joga em relação ao treinamento que se realiza. O treino é como um ensaio sem público, não ilumina, é um simulacro separado da realidade social, norteador por padrões definidos por ciências que desprezam o espírito lúdico e a natureza ambígua e contraditória do corpo. Práticas corporais como a capoeira, o circo e as artes guerreiras (lutas), localizadas do campo da expressão dramática, também perdem o encantamento original (LOPES; MADUREIRA, 2006, p. 20).

Na capoeira, o jogo sempre foi a peça principal para sua sobrevivência, desde a época da escravidão onde os escravos tinham que camuflar seus costumes, rituais e ideários, servindo disto que as manifestações culturais sobreviveram ao poder repressivo. Se transformarmos a capoeira em uma simples representação teatral, não

ênfatizando que a capoeira n3o pode ser usada como teatro, mas se utilizarmos esta arte como um produto, vamos acabar com toda sua hist3ria de luta pela liberdade.

Observa-se que as transforma33es que aconteceram e continuam acontecendo com a capoeira, e tamb3m com outras modalidades esportivas, est3o relacionadas com o contexto hist3rico em que se situam cada momento. Assim, as “descaracteriza33es” da capoeira original, efetivadas por alguns e reclamadas por outros, n3o podem ser analisadas somente 3 luz de configura33es t3cnicas e est3ticas, mas, principalmente, a partir de seus condicionantes hist3ricos sociais (FALC3O, 1996, p. 66).

“O homem que joga est3 sendo rapidamente substituído por outro que consome, compulsivamente, de forma quase que competitiva, sem que isso seja apontado como patologia, ou dito de uma forma mais incisiva, como catr3stofe” (LOPES; MADUREIRA, 2006, p. 11). A sociedade imp3e regras onde a cultura acaba perdendo suas principais raizes, sofrendo uma muta33o voltada ao mercado.

Silva (1996) afirma que a ind3stria cultural produz uma necessidade em seus consumidores, ao mesmo tempo em que suas mercadorias s3o produzidas de maneira a se identificar com essa necessidade, conferindo um maior poder a essa ind3stria.

Para darmos continuidade ao jogo da capoeira, primeiro temos que entender o que 3 ter mandinga. Mas afinal o que 3 mandinga?

A palavra mandinga remete-nos aos “Mandinga”, africanos origin3rios da regi3o da Sen3mbia, na 3frica Ocidental, que estavam entre os primeiros cativos trazidos para o Brasil. Eram respeitados por suas fortes habilidades como feiticeiros. Esta palavra tem import3ncia significativa no imagin3rio dos capoeiras. Uma capoeira sem mandinga seria a mesma coisa que uma capoeira esterilizada, formatada, mec3nica. Para ser mandingueiro, o capoeira tem que ser imprevisível, astuto e envolvente. Mandinga, na capoeira, refere-se 3 malícia, 3 capacidade de improvisar e envolver o parceiro de jogo (FALC3O, 2004, p. 3).

A mandinga do capoeirista est3 presente em toda sua express3o, quer ela ser f3sica ou n3o, desde o momento do jogo, ou seja, a improvisa33o de movimentos, at3 no momento de tocar instrumentos e cantar m3sicas na roda.

outro elemento gerador e implementador da capoeira de outrora é a mandinga, cujo sentido é a transcendência ao físico-natural humano na vadição ou brinquedo da capoeira, através da qual os capoeiristas conseguiam feitos que extrapolavam a capacidade humana, como que ajudados por entidades do além (PINTO, 1995, p. 6-7).

Segundo Falcão (2004) o jogo na capoeira requer uma constante negociação gestual, em que cada jogador é desafiado pela imprevisibilidade das movimentações, onde estas dependem da compreensão de cada jogador e reflete em uma gama de reações. Num jogo malicioso e mandingueiro, os movimentos corporais parecem indecifráveis aos próprios executores.

A essência da Capoeira é compreender o jogo como uma brincadeira entre amigos, que se respeitam e vêem na luta uma diversão amistosa. Nesse brinquedo vale mais um movimento desnorteante que um chute arrasador. É preciso malícia, manha, para suplantar o oponente. Saber esperar sem perder o espírito malandreado do jogo. Na hora certa surgirá a oportunidade; basta ter calma. A própria circularidade do jogo e de seus movimentos assegura ao capoeira que eventualmente se encontre em desvantagem, a oportunidade ideal para recuperar terreno (ADORNO, 1999, p.65).

Para Reis (1997) ter mandinga é saber traduzir as intenções do outro jogador, através da percepção de sua linguagem corporal e adiantar-se a elas. Uma capoeira sem mandinga acaba se tornando uma capoeira “mecanizada”, “desprovida do espírito lúdico”, ou seja, da magia da capoeira.

Realmente, a capoeira sem mandinga perde a sua graça, sua referência cultural do povo. Aliás, perde o jeito brasileiro manhoso, lembrado no samba, no futebol e na música. A roda de capoeira é um campo de mandinga, é um campo astral, é um campo de energia. A mandinga é a malícia com a qual, durante o jogo, o jogador desfaz uma situação e, quando o seu parceiro ver, será outra situação completamente diferente. Um golpe inesperado é aplicado e o outro não consegue sair mais, assim, um parceiro engana o outro no jogo (CASTRO JÚNIOR, 2004, p. 154).

O jogo da capoeira é sempre uma surpresa, nele podemos estar em uma situação de vantagem, mas em um simples movimento, o outro jogador “vira o jogo” recuperando a vantagem, originando a necessidade de mais movimentações, aproveitando o espaço vazio deixado pelo outro jogador.

5. Capoeira é Arte?

A arte sempre esteve presente na vida dos seres humanos e é através dela que podemos expressar nossos sentimentos e desejos, e assim transmitir nossas culturas através de diversos tipos de linguagens. “Através de um processo gradual que durou vários séculos, a arte foi perdendo sua função vital na sociedade, tornando-se cada vez mais uma ocupação autônoma própria de certos indivíduos chamados artistas” (HUIZINGA, 2000, p. 223). Esses artistas que de certa forma exercem uma função autônoma, na maioria das vezes expressam suas próprias emoções tornando assim possível criticar ou concordar com imposições ditadas pelo mundo.

“Outrora, eram homens que apanhavam um punhado de terra colorida e com ela modelavam toscamente as formas de um bisão na parede de uma caverna” (GOMBRICH, 1993, p. 15). É assim que se servia a humanidade, pela necessidade de se expressar, acabaram desenvolvendo uma linguagem através de desenhos.

A arte é um aglomerado de ciência, magia e técnica, uma janela para o conhecimento sensível do mundo. Em sua polissemia ela revela a diversidade de corpos, suas singularidades, sendo avessa a resultados orientados pela medida e pela utilidade. O artista produz o mundo sensível e imaterial em formas, sabores, cores, texturas, volumes e odores. A arte é capaz de extrair formas outras daquilo que se mostra aparente, de mergulhar no que é mais desconhecido, de romper a mera percepção e de considerar a imaginação como capacidade humana para a criação (SOARES; MADUREIRA, 2005, p. 75).

Essa conceituação de arte é bem mais ampla e possibilita abrir horizontes, englobar diversas manifestações da nossa sociedade como as danças, lutas, jogos e até chegar à Educação Física. Ao romper essa delimitação de arte, conseguimos ampliar formas de adquirir cultura, ou seja, proporcionar ganho de qualidades e benefícios através de atividades culturais.

O ser humano, desde suas origens, produziu cultura. Sua história é uma história de cultura, na medida em que tudo o que faz está inserido num contexto cultural, produzindo e reproduzindo cultura. O conceito de cultura é aqui entendido como produto da sociedade, da coletividade à qual os indivíduos pertencem, antecedendo-os e transcendendo-os (BRASIL, 1997, p. 23).

A arte portanto, propõe uma outra forma de conhecer o mundo, compreender e incorporar a multiplicidade com a qual se constrói o conhecimento. “Propõe ainda o rompimento com as clássicas oposições que se construíram e, ao mesmo tempo, a relativização do valor que atribuímos às diferentes formas de conhecer” (SOARES; MADUREIRA, 2005, p. 85-6).

Dentre várias formas expressivas de arte do corpo, vamos destacar a capoeira, uma cultura afro-brasileira, criada pelos africanos escravos aqui no Brasil, que pela sua ânsia de liberdade, fundamentaram uma expressão usada momento da dor e em momentos de alegrias.

Na capoeira a arte se faz presente através da música, ritmo, canto, instrumento, expressão corporal e criatividade de movimentos (CAMPOS, 1990).

A capoeira é um patrimônio cultural brasileiro com especificidade ímpar pela sua complexidade e pela sua abrangência, destarte ela não pode ser tratada unidimensional e isoladamente por cada uma das áreas com as quais tem interface. O seu universo só poderá ser entendido se analisado o conjunto de suas dimensões de tratamento. Assim a capoeira deve ser tratada pela totalidade do seu universo e não de forma fragmentada por um ou outro setor governamental ou qualquer que seja o segmento da sociedade, ademais, pela própria evolução da capoeira, existem hoje vertentes caracterizadas por diferenças técnicas, estéticas e filosóficas (MESTRE ZULU, 1989, p. 64).

Segundo Vieira (1989) não é recente a preocupação dos brasileiros com a questão de importação de padrões de comportamento estrangeiros e a conseqüente fragilização de nossa identidade cultural e até existe dentro de nossa sociedade uma aversão a sua própria cultura, não de maneira generalizada, mas por algumas camadas da sociedade. Uma espécie de “etnocentrismo ao avesso”. Esse preconceito contra a própria origem cultural se agrava quando as classes que o desenvolvem detêm condições para difundi-lo por toda a sociedade. E aí que entram os meios de comunicação de massa criando e fortalecendo a dependência cultural.

“O capoeira, desde sua o seu aparecimento foi considerado um marginal, um delinqüente, que a sociedade deveria vigiá-lo e as leis penais enquadra-lo e puni-lo” (REGO, 1968, p. 291).

A partir dessa afirmação podemos entender porque a capoeira foi tão perseguida, chegando a sua prática a ser crime estabelecido pela constituição e seus adeptos condenados à prisão. Mas o capoeirista não deixou essa repressão dominá-lo, pois nem quando existiam as senzalas, o tronco e as chibatadas, eles deixavam de praticar essa arte.

Conforme Adorno (1999) a expressão corporal nos ensina há milênios uma linguagem que permite a comunicação sem palavras, estabelecendo a fraternidade nos gestos comuns: a dança revela os sentimentos e evidencia idéias, na plástica e harmonia dos movimentos. Pois disto se serviram os negros: protestando e se insurgindo, individual ou coletivamente, expressando a linguagem do corpo na revolta, na insubordinação às regras do jogo do sistema colonial: formando quilombos, promovendo fugas, e assassinando senhores; mas sua luta passou especialmente pela afirmação de sua cultura.

Para Falcão (1996) é importante destacar que a capoeira emplaca as contradições sociais, onde a dominação e a resistência coexistem de forma conflitante, fazendo dela uma figura emblemática reveladora dos conflitos sociais, uma espécie de retrato negado do Brasil.

Os capoeiristas se encontravam nas praças, feiras de arte, nos terreiros das casas dos bairros onde residiam, para reverem-se, trocarem notícias, etc. Nesses encontros sempre alguém levava um berimbau, um pandeiro, um atabaque e uma roupa mais folgada. Esse momento era tão intenso, que parecia que tudo era feito e se desenrolava em função dele. Em um determinado momento, alguém não agüentava o 'faniquito', tirava uma nota de sua excelência o berimbau, e os capoeiristas pulavam para dentro da roda. Era mais uma vez o reencontro de uma maneira de ser, existir e se expressar. Nesse momento não existia conflito entre estilos, filosofia e fundamentos da capoeira. Acima das diferenças estava a necessidade de expressar-se espontaneamente, revivendo uma sensação de prazer e reencontro consigo mesmo, as diferenças eram um complemento, a capoeira tornava-se uma só e tudo era festa e brincadeira (AREIAS, 1983, p. 115).

O povo que esquece de seus ancestrais e de sua história acaba desligando-se de suas raízes, a capoeira é uma importante peça para a consolidação da sociedade brasileira, ela contribuiu para que o regime mais cruel de nossa sociedade (escravidão) fosse abolido e possibilitou a "igualdade das raças".

Atualmente a capoeira vêm sofrendo mudanças como a arte sofreu. Conforme o período social, ou seja, a necessidade de exprimir críticas e reivindicações, ocorreram mudanças que implicaram em estilos determinantes. “Consideramos a capoeira como uma prática em constante construção, suas significações modificam-se de acordo com contextos político-culturais e a atuação dos seus agentes” (BARÃO, 1999, p. 53).

Levando esta arte da capoeira para o âmbito da educação, percebemos a fonte de recursos que esta nos possibilita.

Não se constrói uma capoeira crítica e progressista apenas jogando, nem tampouco, teorizando sobre ela, mas sim através da análise criteriosa de suas técnicas, de seus rituais e de seus condicionantes históricos em sintonia com uma prática sistemática. O movimento corporal humano é singular – e a capoeira é antes de tudo um movimento corporal humano – nunca se repetirá da mesma forma. Ele está envolto de emoções e sentimentos momentâneos e circunstanciais. Portanto, não deve ser interpretado como um ato puramente mecânico, mas, como um processo onde se interpenetram as dimensões cognitivas, sócio-afetiva e psicomotoras do ser humano – o movimento de “corpo inteiro” (FALCÃO, 1996, p. 66).

Devemos sim consolidar a capoeira como arte e através dessa dimensão enfatizar a necessidade de se expressar, que atualmente está cada vez mais escassa dentre as culturas. Trabalhando dessa forma, chegaremos a um norte fundamental, educando de forma global o aluno e demonstrando através da arte, a essência da história de um povo que foram pilares do nosso país.

Conforme Silva (1996) a mídia exerce um efeito poderoso induzindo a população a um modelo de cultura, fazendo com que a busca por esse modelo dominante e homogêneo torne-se uma necessidade quase inquestionável para a sociedade. Outro assunto descrito pela autora é o culto ao corpo, ou seja, o narcisismo, que implica na padronização do corpo, tomando como exemplo um modelo definido pela sociedade. “Essas preocupações culminam com a noção de que o trabalho com as práticas corporais, baseadas no culto ao corpo, senão impedem, dificultam a construção de uma Nova Sociedade, antiga utopia, eternamente renovada” (p. 249).

O culto ao corpo está cada vez mais presente em nosso cotidiano, ele aparece em diversas formas de imposição, desde a programação da televisão até os outdoors

espalhados pela cidade. Existe uma supervalorização do corpo através da mídia, como já foi dito anteriormente.

Na área da educação, mais precisamente na educação física, percebemos está valorização determinada pelos esportes e esportistas que através de suas carreiras profissionais induzem a massa a praticarem determinada modalidade e a consumirem certos produtos (roupas, acessórios, matérias, alimentos, etc.), deixando de lado o verdadeiro sentido das atividades físicas. Estando em comum acordo com Soares e Madureira (2005), onde o uso da arte implica em um instrumento de adquirir conhecimento.

A incorporação da arte nas reflexões concernentes à Educação Física poderia auxiliar na configuração de uma outra lógica para pensar o corpo e todos os fenômenos a ele ligados, inclusive no que diz respeito a sua expressão gestual. Pensar a arte como forma de conhecimento talvez permitisse superar dicotomias clássicas presentes no modo de conceber e pensar o corpo (SOARES; MADUREIRA, 2005, p. 85).

Devemos adotar certas atitudes sobre os conteúdos da capoeira a serem ensinados, tomar cuidado para não valorizar somente o movimento em si, mas sim toda sua gama de benefícios que eles possam proporcionar.

As sinergias musculares que caracterizam fisiologicamente o movimento humano serão tanto mais ricas quanto mais trouxermos no seu bojo uma expressão significativa da própria vida. Caso contrário, torna-se gestos mecânicos em nada diferentes de que é capaz um robô ou uma outra máquina qualquer. (MEDINA, 1983 *apud* FALCÃO, 1996, p. 66)

Valorizar essa arte brasileira é aproveitar a multiplicidade de formas para trabalhar, ou seja, ser um artista e expressar todo sentimento envolvido.

6. Capoeira é Educação Física?

A Educação Física no Brasil sofreu muitas influências geradas pelo período político de cada época. Devido a essas influências, no seu contexto histórico, esta disciplina passou por várias tendências que de acordo com Lório; Darido (2005) temos como exemplos a Educação Física eugenista, a higienista e esportivista que foram reflexos do pensamento do início do século XX, da década de 30 e 70, respectivamente.

Com essas influências, a sua prática pedagógica, seus objetivos, estratégias e discursos sofreram transformações conforme cada política adotada. Como exemplos podemos citar a utilização de métodos ginásticos europeus no início do século XX, do método desportivo generalizado na década de 40 a 60 e do esporte na escola na década de 60 a 70, correspondendo aos pensamentos políticos adotados de cada época.

Historicamente a Educação Física ocidental moderna tem ensinado O JOGO, A GINASTICA, AS LUTAS, A DANÇA, OS ESPORTES. Poderíamos afirmar então que estes são conteúdos clássicos. Permaneceram através do tempo transformando inúmeros de seus aspectos para se afirmar como elementos da cultura, como linguagem singular do homem no tempo. As atividades físicas tematizadas pela Educação Física se afirmam como linguagens e comunicaram sempre sentidos e significados da passagem do homem pelo mundo (SOARES, 1996, p. 11).

Historicamente e até hoje a Educação Física nacional usufrui conteúdos de certa forma copiados de países de primeiro mundo, provocando muitas vezes conflitos de cultura ou mesmo a negação de sua própria cultura, deixando de lado sua imensa gama de conteúdos para serem explorados.

“Antevendo a necessidade de um rompimento no atual modelo de educação na escola, e dentre outras coisas faze-las mais democráticas e com oferta de várias manifestações culturais de nosso povo” (MESTRE ZULU, 1989, p. 66). Visando a valorização da cultura nacional, vários autores e profissionais estão buscando subsídios para que essa disciplina tenha uma boa aceitação e participação dos alunos dentro e fora da escola.

Como princípio entendemos que quanto mais complexa a interação organismo-meio, mais inteligente será o homem e que a inteligência e o comportamento são construídos; destarte a necessidade da escola ser um complexo de oferta de “cultura brasileira” e ministrada de forma interdisciplinar sob a perspectiva vivencial-operativa, cujo desdobramento do binômio quer dizer “educar pela arte” e “educar pela inteligência (MESTRE ZULU, 1989, p. 67).

Com essas mudanças a fim de aumentar sua pluralidade de conteúdos e atividades para sua melhor aprovação da Educação Física, o governo vem desenvolvendo propostas para que isto seja possível e acessível a todos. Um dos instrumentos a ser utilizado são os PCN's - Parâmetros Curriculares Nacionais, (BRASIL, 1997) onde ocorrem as seguintes afirmações:

O aluno tem que conhecer as características fundamentais de seu país (sociais, culturais e materiais) construindo assim uma nação com identidade nacional. Conhecer, valorizar, respeitar e desfrutar da pluralidade de manifestações de cultura corporal do Brasil e do mundo, promovendo com isso a integração social e a não discriminação de qualquer parte. Adquirir um censo crítico a fim de questionar, problematizar e resolver situações.

Anteriormente à sanção da lei 10.639 de 3 de janeiro de 2003, que tornou obrigatório no ensino fundamental brasileiro o estudo sobre história e cultura da África, como também sobre africanos e descendentes no Brasil, a “capoeira” adentrava espaços educativos formais e não-formais considerada “educativa” e “terapêutica”. Ao lado do “samba” e do “candomblé”, a “capoeira” é representativa da história do sujeito africano escravizado no Brasil e de sua cultura correlacionada. Pela visibilidade e expansão crescentes, especialmente adquiridas nas últimas três décadas, bem como pelo vínculo indissociável que seus saberes e práticas estabelecem com o sujeito negro no Brasil, “capoeira” se constitui como “trabalhadora de primeira hora” quanto à inserção no ensino formal brasileiro pelo conjunto de temas a serem abarcados pela referida lei, o que demanda estudos sobre a questão (ANNUNCIATO, 2006, p. 1).

Dentro das possibilidades de cada professor, dependendo do seu espaço físico, acessibilidade a materiais esportivos e didáticos, as aulas são estruturadas e ministradas muitas vezes deixando de lado objetivos que precisam ser atingidos e vivenciados para que o aluno possa enfrentar a vida.

Vários profissionais e autores estão buscando na História e Cultura Afro-Brasileira conteúdos para serem contemplados nas aulas de Educação Física, sendo que através de leis aprovadas pelo governo, procuram incentivar essas atividades.

A capoeira está vinculada a contundentes fatos e episódios da história do Brasil que, certamente, lhe concedam a peculiaridade de poder agregar de forma bastante inter-relacionada aspectos históricos, sócio-econômicos e culturais que se refletem e se reatualizam na sua própria prática (FALCÃO, 1995, p. 174).

Como uma cultura de mais expressão em âmbito nacional, dentro da história e cultura Afro-Brasileira, a capoeira vêm tendo destaque conforme afirma Falcão (1995) onde a inclusão desta cultura na escola vem crescendo muito nos últimos anos, “tal processo tem sido realizado principalmente por intermédio da Educação Física. A escolarização da capoeira surge como um esforço de valorização das manifestações da cultura popular brasileira a partir das instituições escolares” (p. 175).

Com uma constante reflexão sobre minha atuação profissional e sobre a situação da Educação Física no Brasil, surgiu-me a necessidade de resgatar algo que foi se perdendo com o tempo: a cultura brasileira. Atualmente percebemos o quanto os avanços na área esportiva estão sendo importantes social e economicamente, mas não podemos deixar de sentir o quanto foi relevante também os elementos culturais herdados e adquiridos até hoje. Com isso, busquei na capoeira algo realmente significativo para mim e para os que querem fazer dessa prática, um aprendizado constante (ROCHA, 1994, p. 6).

Outros autores defendem a capoeira como forte conteúdo a ser ministrado na escola, como Graça (1987), afirmando que a capoeira enquanto instrumento de educação, apresenta-se com amplas possibilidades quanto à formação do homem contemporâneo, principalmente no que se refere à integração dos aspectos físicos, psicológicos e sociais, bem como quanto a transnacionalidade, indispensável ao exercício crítico da cidadania.

Campos (1990) afirma que a capoeira é um valioso instrumento para formação integral do aluno pois interliga aspectos como cultura, história e arte.

Reis (2001) descreve que professores de educação física, pedagogos e educadores estão tentando legitimar a capoeira como instrumento de educação, onde

esta colabore com a visão ampliada de um processo educacional crítico, reflexivo e contextualizado com ideais de promoção de cidadania.

No entanto a capoeira possui fortes elementos que a diferencia de outras atividades físicas e que aumentariam a sua abrangência em um programa de educação física com objetivos de se promover a saúde e a melhoria da qualidade de vida. A capoeira é uma atividade física que, conforme já explicou-se, envolve dança, luta, cânticos, palmas, música, podendo ser, em conclusão, oportuna para responder as questões atuais face as novas exigências da educação física (REIS, 2001, p. 84-5).

De comum acordo com Souza; Oliveira (2001) a capoeira é um conteúdo que pode ser contemplado na escola devido a multiplicidade de enfoques como luta, dança, arte, jogo, folclore e educação.

Utilizando a capoeira como educação, além de estarmos valorizando nossa cultura, ou seja, criando um possível referencial nacional, podemos possibilitar que a história se inverta, onde no início da Educação Física no Brasil ocorreu a importação dos conteúdos a serem ministrados, pois nosso país foi colonizado, existindo a necessidade dessa importação, num futuro próximo podemos estar exportando conhecimentos, a fim da busca de educação, como já está acontecendo com a globalização da capoeira.

Hoje já é possível, no âmbito da Educação Física, pensar em ciência fora dos limites do positivismo e perceber que para tratar das atividades físicas em suas determinações culturais específicas, o conhecimento do homem implica em saber que a subjetividade e razão cognoscitiva se instalam em seu corpo e linguagens corporais constituem-se em resposta a esta compreensão.

Sem esquecer a provisoriedade do conhecimento, afirmo aqui esta retomada da Educação Física como um lugar de aprender Ginástica, Jogos, Jogos Esportivos, Danças, Lutas, Capoeira (SOARES, 1996, p. 10).

Para entendermos a capoeira como uma proposta a ser utilizada na Educação Física, primeiramente temos que tomar cuidado para não transformarmos essa arte em uma religião, em um partido político ou mesmo uma cultura fitness ou dos sistemas "importados" de malhação (Body Systems), pois vários profissionais da capoeira acabam se fechando, ou seja, se alienando em regras e leis rígidas, ortodoxas e

inflexíveis, causando uma sensação de insegurança quando se tratando em divulgar a cultura dessa arte.

o capoeirista desenvolve a criatividade, devendo primar pelo respeito e pela camaradagem, jogando dentro das regras para se recrear e não para testar capacidades. Tende, assim, a desenvolver de forma integrada os três domínios de aprendizagem do ser humano: psicomotor, afetivo-social e cognitivo. (SILVA, 1993, p. 31).

De acordo com Falcão (2004) os capoeiristas são potenciais jogadores, instrumentistas e cantadores, e se revezam nessas três ocupações durante o seu desenrolar, ou seja, na roda. É importante notar que, na roda da capoeira, a oralidade e a corporeidade se encontram, resultando numa riquíssima relação. E é a partir desta integração que alcançamos uma sociabilização inexistente em outra arte, pois todos os praticantes se interagem.

Se respeitarmos a capoeira como uma expressão do espírito lúdico, assimilaremos conhecimentos, teremos uma ferramenta completa, resgatando tradições, valorizando nossa cultura e implicando em uma ampla formação para seus praticantes.

Não restou muito espaço para a livre expressão do *ludus*, mas o jogo segue o seu curso como força propulsora da cultura, das artes e da ciência. O jogo, muito mais do que a conhecida instrumentalização que se faz dele, poderia ser tomado como fundamento ético e estético da Educação Física. Ele é o alicerce do divertimento, da criação, do prazer e da plena expressão do corpo e das vontades (LOPES; MADUREIRA, 2006, p. 10).

É através da expressão do “ludus” que podemos acabar com a padronização que a mídia impõe, conseguindo usufruir, ou seja, desfrutar conhecimentos, sendo estes adquiridos através da educação do corpo e não da padronização ou esterilização massificada que a mídia nos propõe através da indústria cultural, onde acontece a valorização da cultura fitness e a desvalorização da cultura popular.

Uma análise das sociedades industriais modernas mostra um fenômeno surpreendente de expansão de oferta e da procura pelas práticas corporais na atualidade; da grande repercussão do esporte espetáculo aos muitos praticantes de “jogging” de fins de semana; da ampla procura pelas academias à febre das escolas de esporte para crianças; do sucesso das ginásticas através de vídeos à disputa pelas piscinas de clubes. Uma parcela significativa da população vêm engrossando fileiras daqueles que, de uma forma ou de outra, acreditam que devem cultivar o seu corpo (SILVA. 1996, p. 244).

Se aceitarmos as imposições da sociedade de consumo estaremos proporcionando um acesso restrito à cultura, valorizando só as modalidades divulgadas e apoiadas pela mídia, fazendo com que as possibilidades de educação se estreitem e se reduzam, causando uma desvalorização a certas propostas.

“Como se a cultura tratasse da produção de bens da ciência e das artes e a educação tratasse da distribuição; uma o saber-fazer, a outra o saber-usar, quase uma esquematização da relação indústria e comércio” (ALMEIDA, 2004, p. 14-15). A cultura é muito mais que um bem, ela deve ser utilizada como uma maneira de adquirir educação e se interligar com outras culturas, ampliando os horizontes, não ser tratada como uma atividade qualquer.

Na indústria cultural, a mutabilidade de um produto, até mesmo a cultura se tomada como essa conotação, é regrada pela aceitação do mercado para o qual é produzida. O produto é produzido para a sociedade para suprir as demandas por ele criado. A massa que é julgada como “não-pensante” poucas vezes se dá conta dos mecanismos psicológicos que a induzem a consumir um certo produto, seja ele qual for (MWEWA; VAZ, 2004, p. 3).

É através dessa alienação cultural, que somos influenciados por ideologias neoliberais, muitas vezes desvalorizando nossa própria cultura e destruindo tradições, citando como exemplo várias danças, lutas, rituais e folguedos que foram esquecidos.

Como afirma Falcão (2006) atualmente quase todas as expressões da cultura corporal, o movimento humano transformou-se em mercadoria, por força da mídia, que determina o seu consumo. As artes, jogos, danças e lutas que são carregadas de historicidade, transcorrem-se subjetividades e relações particulares que lhes dão sentido, onde para encaixarem nos cânones da reprodutibilidade técnica e da produção seriada, típica do modo de produção capitalista, alteram sua essência.

A liberdade de transitar entre as diferentes culturas, intensificada com o processo de globalismo, nos tira a possibilidade de localizarmos espacialmente um local único de alguma produção cultural. Como por exemplo, a capoeira, cuja realização e a disseminação são possibilitadas a partir das representações dos grupos de capoeira – filiais – espalhadas por todo o mundo. Como se vê, a chama cultural popular é submetida ao usufruto dos meios de diluição das capacidades humanas aos mandos e desmandos da lógica do mercado. (MWEWA; VAZ, 2004, p. 5).

Assim como várias manifestações folclóricas, a capoeira vem sofrendo mudanças devidas às influências da sociedade, existindo a necessidade de transformá-la em uma forma capitalista de comercialização. Vários trabalhos com a capoeira estão descaracterizando suas raízes e até mesmo desrespeitando seus ideais. Podemos fazer uma comparação com os jogos populares que acabaram virando esportes, promovendo lucros para seus organizadores (confederações, federações e dirigentes) destruindo assim toda sua essência.

A capoeira não é – como nos desejam fazer crer – uma técnica de luta apenas, nem tão somente outra manifestação esportiva. Ela, enquanto técnica, enquanto forma de luta, vista de forma restrita a esses dois elementos, acaba por matar tudo o que a fez nascer, crescer e sobreviver ao longo de toda uma época. Ao separarmos a capoeira de sua história, nós destruímos enquanto elemento de cultura brasileira e a transformamos em mais um momento de alienação através da técnica esportiva (VIEIRA, 1995, p. 25).

A tentativa da padronização da capoeira em um esporte e assim a obrigatoriedade de enquadrá-la em um órgão fiscalizador Conselho Regional de educação Física (CREF), vêm cooperando com a exploração da produção da indústria cultural.

De comum acordo com Taffarel (2004), o interesse dos poderes judiciário, legislativo e executivo pelo capital implica na necessidade de recompor sua hegemonia, manter suas taxas de lucro e as medidas adotadas no mundo do trabalho da capoeiragem. “A destruição da cultura, dentro da qual destacamos a capoeira, pode ser identificada empiricamente na ação do sistema CONFEF/CREF (Conselho Nacional de Educação Física e Conselhos Regionais de Educação Física)” (p. 8).

Ao analisar as relações da capoeira com os códigos do esporte institucionalizado, podemos afirmar que, ao contrário do esporte, cuja mensagem principal está centrada nos princípios básicos da sobrepujança e das comparações objetivas, que têm como consequência imediata o selecionamento, a especialização e a instrumentalização (KUNZ,1991)⁸, algumas referências históricas embutidas nos gestos, rituais e cânticos da capoeira sugerem indeterminação, ruptura e ambigüidade, onde a arte e a improvisação ao refletirem uma visão própria de mundo, incompatibilizam a padronização e o regramento, dificultando a comparação objetiva e outros aspectos tão caros à lógica da esportivização (FALCÃO, 2004, p. 94).

Para Huizinga (2000) a perda de características lúdicas se deve à sistematização e regulamentação dos jogos em esportes. Um exemplo a ser citado é a distinção oficial entre amadores e profissionais. “O espírito do profissional não é mais o espírito lúdico, pois lhe falta a espontaneidade, a despreocupação” (p. 219).

Se aceitarmos essa descaracterização do espírito lúdico dentro capoeira, ou seja, a profissionalização e regulamentação em forma de esporte, estarão contribuindo para o seu regramento e sua padronização, perdendo todo o brilho, ou seja, toda alegria, descontração e lazer do jogo da capoeira, esquecendo seu referencial de criação pela ascensão da liberdade.

Preservando a capoeira como um jogo de diálogo, respeitando seus fundamentos e tradições, não deixando tornar essa cultura em um esporte, colheremos muitos frutos, pois este jogo é completo e misterioso, só com as experiências através dos anos de prática e estudo compreenderemos o que realmente significa o jogo da capoeira.

⁸ KUNZ, Elenor. **Educação Física**: ensino e mudanças. Ijuí, RS: Unijuí,1991.

7. Considerações Finais

“A capoeira é mandinga, é manha!
É malícia, é tudo que a boca come ...”
(Mestre Pastinha)

Depois de pesquisar, estudar e analisar as dimensões englobadas na capoeira, percebemos como uma expressão cultural tão popular em nosso país pode vir a acrescentar no âmbito da educação.

A capoeira por ser praticada em todo Brasil e em vários países, possui certa autonomia, onde esta encanta diversas etnias, raças, culturas, línguas e classes sociais, tornando-se assim, uma proposta de integração entre os humanos. Existe até trabalhos de capoeira no Oriente Médio, onde na academia estão presentes palestinos e israelitas, que no momento das atividades (aulas) se integram deixando de lado toda a diferença entre suas etnias.

Se utilizarmos todas as dimensões da capoeira – Arte, Luta, Dança, Jogo e Educação Física – teremos um completo instrumento de adquirir conhecimento, assimilar cultura e trazer benefícios e valores para a formação integral do ser humano.

Mas de fato, se pensarmos na capoeira como uma arte, ampliamos seus horizontes e perpetuamos sua cultura, rompendo preconceitos e aumentando suas possibilidades enquanto instrumento de promover educação, rompendo barreiras e ultrapassando limites ditados pela sociedade, ou seja, a padronização, imposições, regramento e enquadramento.

Trabalhando a forma lúdica e livre da capoeira, conseguiremos preservar a integridade desta arte, viabilizando a seus praticantes uma forma de cultura. Devemos trabalhar todas as dimensões que permeiam a capoeira, atendendo as necessidades de cada momento, promovendo o aumento de experiências vividas pelo ser humano, para que assim ele possa escolher qual dimensão ele vai se adaptar melhor.

Não descarto os benefícios motores adquiridos com a prática da capoeira, mas penso que a contribuição para a área de Educação Física, ou seja, para a educação, deve se estender além da mera atividade física, fazendo com que a criança assimile valores para ser cidadão e enfrentar o mundo.

Não podemos deixar que a capoeira se torne um esporte, pois se delimitarmos essa manifestação nesta categoria, perderemos várias características essenciais da capoeira, que sobrevivem diante do compromisso dos mestres antigos em estarem transmitindo toda a tradição e transformaremos esta arte em mais um produto descartável da indústria cultural.

8. Referências bibliográficas

ADORNO, Camille. **A arte da capoeira**. 6ª. ed. Goiânia, GO: Kelps, 1999.

ALMEIDA, Milton José. **Imagens e sons e a nova cultura oral**. 3ª. ed. São Paulo, SP: Cortez, 2004.

ANNUNCIATO, Drauzio Pezzoni. **Liberdade disciplinada: relações de confronto, poder e saber entre capoeiras em Santa Catarina**. Tese (Mestrado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC, Florianópolis, 2006.

ARAÚJO, Paulo Coêlho de. **O revivalismo africano e suas implicações para a prática da capoeira**. Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte, São Paulo, SP; v. 1, n. 1, p. 107-116, janeiro/dezembro 2002.

AREIAS, Almir das. **O que é capoeira**. São Paulo, SP: Brasiliense, 1983.

BARÃO, Adriana de Carvalho. **A Performance ritual da “roda de capoeira”**. Tese (Mestrado). Instituto de Artes, Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP, Campinas, 1999.

BIANCARDI, Emília. **Raízes Musicais da Bahia**. Salvador, BA: Omar G. 2006.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: Educação Física/Secretaria de Educação Fundamental**. Brasília, DF: MEC/SEF, 1997.

CAMPOS, Hélio José B. Carneiro. **Capoeira na escola**. Salvador, BA: Presscolor, 1990.

CAPOEIRA, Nestor. **Galo já cantou: capoeira para iniciados**. Rio de Janeiro, RJ: Arte 2 Hoje Editora, 1985.

CARNEIRO, Edison. **Capoeira**. Rio de Janeiro, RJ: FUNARTE, Cadernos do Folclore; n. 1, 1975.

_____. **Folguedos tradicionais**. 2ª. ed. Rio de Janeiro, RJ: FUNARTE, Cadernos do Folclore; s.d. 1982.

CASTRO JÚNIOR, Luis Vitor. **Capoeira Angola: olhares e toques cruzados entre Historicidade e Ancestralidade**. Revista Brasileira de Ciências do Esporte. Campinas, SP; v. 25, n. 2, p. 143-158, 2004.

FALCÃO, José Luiz Cirqueira. **A escolarização da capoeira**. Brasília, DF: Royal Court Editora, 1996.

_____. **O jogo da capoeira: cultura popular no Brasil**. [VIEIRA, Luiz Renato. Rio de Janeiro, SPRINT, 1995]. Revista Brasileira de Ciências do Esporte. Florianópolis, SC; v. 18, n. 1, p. 60-67, setembro 1996.

_____. **O jogo da capoeira em jogo**. Revista Brasileira de Ciências do Esporte. Campinas, SP; v. 27, n. 2, p. 59-74, janeiro 2006.

_____. **O jogo da capoeira em jogo e a construção da práxis capoeirana**. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia – UFBA, Salvador, 2004.

_____. **O processo de escolarização da capoeira no Brasil**. Revista Brasileira de Ciências do Esporte. Santa Maria, RS; v. 16, n. 3, p. 173-182, maio 1995.

GOMBRICH, Ernst. **A história da arte**. 16ª. ed. Rio de Janeiro, RJ: Editora LTC, 1993.

GRAÇA, Sérgio Lima de. **Programa Nacional de Capoeira**. Brasília, DF: SEED/MEC, 1987.

HUIZINGA, Johan. **Homo Ludens**: O jogo como elemento da cultura. 4^a. ed. São Paulo, SP: Perspectiva, 2000.

IÓRIO, Laércio Schwantes; DARIDO, Suraya Cristina. **Capoeira**. In: DARIDO, Suraya Cristina; RANGEL, Irene Conceição de Andrade. **Educação física na escola: implicações para a prática pedagógica**. Rio de Janeiro, RJ: Guanabara Koogan, 2005. p. 262-287.

_____. **Educação Física, Capoeira, Educação Física Escolar**: possíveis relações. Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte, São Paulo, SP; v. 4, n. 4, p. 137-143, janeiro/dezembro 2005.

LOPES, Joana; MADUREIRA, José Rafael. **A Educação Física em Jogo**: Práticas Corporais, Expressão e Arte. Revista Brasileira de Ciências do Esporte. Campinas, SP; v. 27, n. 2, p. 9-25, janeiro 2006.

MESTRE ZULU (Antonio Batista Pinto). **Depoimento sobre o ideário beribazu de capoeira**. Revista Brasileira de Ciências do Esporte. Brasília, DF; v. 11, n. 1, p. 64-68, setembro 1989.

MWEWA, Muleka; VAZ, Alexandre Fernandez. **Educação do corpo em manifestação cultura afro-brasileira**: o jogo da capoeira no contexto da indústria cultural. In: VIII CONGRESSO LUSO-AFRO-BRASILEIRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS, 2004, Coimbra, Portugal. Programa de pós-graduação em Educação. Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC. Florianópolis, 2004.

PINTO, Antonio Batista. **Ideopraxis de capoeira**. Brasília, DF: FEDF, 1995.

REGO, Waldeloir. **Capoeira Angola**: um ensaio sócio-etnográfico. Salvador, BA: Itapuã, 1968.

REIS, André Luiz Teixeira. **Educação Física & Capoeira**: saúde e qualidade de vida. Brasília, DF: Thesaurus, 2001.

REIS, Leticia Vidor de Souza. **O mundo de pernas para o ar**: A capoeira no Brasil. São Paulo, SP: Publisher Brasil, 1997.

ROCHA, Maria Angélica. **A capoeira como ação educativa nas aulas de Educação Física**. São Paulo, SP: PUC/SP, 1994.

SILVA, Ana Márcia. **Das práticas corporais ou porque “narciso” se exercita**. Revista Brasileira de Ciências do Esporte, Florianópolis, SC; v. 17, n. 3, p. 244-251, maio 1996.

SILVA, Gladson de Oliveira **Capoeira do engenho à universidade** . 2ª. ed. São Paulo, SP: Copy-Set, 1993.

SOARES, Carlos Eugênio Líbano. **A capoeira escrava e outras tradições rebeldes no Rio de Janeiro (1808-1850)**. 2ª. ed. Campinas, SP: Unicamp, 2004.

SOARES, Carmen Lúcia. **Educação Física Escolar**: conhecimento e especificidade. Revista Paulista de Educação Física. São Paulo, SP; suplemento 2, p. 5-12, 1996.

SOARES, Carmen Lúcia; MADUREIRA, José Rafael. **Educação Física, Linguagem e Arte**: Possibilidades de um diálogo poético do corpo. Revista Movimento, Porto Alegre, RS; v. 11, n. 2, p. 75-88, maio/agosto 2005.

SOUZA, Sérgio Augusto Rosa de; OLIVEIRA, Amauri Bássoli de. **Estruturação da Capoeira como conteúdo da Educação Física no ensino fundamental e médio**.

Revista da Educação Física, Universidade Estadual de Maringá. Maringá, PR; v. 12, n. 2, 2º semestre 2001.

TAFFAREL, Celi Zulke. **Capoeira e Projeto Histórico**. Capoeira a Serviço do Social ou do Capital!? In: 6º Simpósio Nacional Universitário de Capoeira. Universidade Federal de Santa Catarina: Florianópolis-SC; 12,13 e 14 de Dezembro de 2004. Disponível em: <<http://www2.prudente.unesp.br/caef/escritos/Capoeira%20e%20Projeto%20Historico%20-%20Taffarel%20VI%20SNUC-SC.pdf>>. Acesso em: 17 mar. 2007.

VIEIRA, Luiz Renato. **Criatividade e clichês no jogo da capoeira**: A racionalização do corpo na sociedade contemporânea. Revista Brasileira de Ciências do Esporte. Brasília, DF; v. 11, n. 1, p. 58-63, setembro 1989.

_____. **O jogo da capoeira**: Cultura popular no Brasil. Rio de Janeiro, RJ: Sprint, 1995.

Anexos

Anexo 1

Lei 10.639/2003

Presidência da República
Casa Civil
Subchefia para Assuntos Jurídicos

LEI Nº 10.639, DE 9 DE JANEIRO DE 2003.

Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”, e dá outras providências.

[Mensagem de veto](#)

O PRESIDENTE DA REPÚBLICA Faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º A Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, passa a vigorar acrescida dos seguintes arts. 26-A, 79-A e 79-B:

[“Art. 26-A.](#) Nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira.”

§ 1º O conteúdo programático a que se refere o **caput** deste artigo incluirá o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil.

§ 2º Os conteúdos referentes à História e Cultura Afro-Brasileira serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de Educação Artística e de Literatura e História Brasileiras.

§ 3º (VETADO)

[“Art. 79-A.](#) (VETADO)”

“Art. 79-B. O calendário escolar incluirá o dia 20 de novembro como ‘Dia Nacional da Consciência Negra’”.

Art. 2º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

Brasília, 9 de janeiro de 2003; 182º da Independência e 115º da República.

LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA

Cristovam Ricardo Cavalcanti Buarque

Fonte: <http://www.planalto.gov.br/ccivil/LEIS/2003/L10.639.htm>

Anexo 2

Minha trajetória na capoeira

Minha trajetória na capoeira

No ano de 1999, através de meu primo Vitor, conheci a modalidade capoeira, fiz a matrícula na academia e inicialmente comecei a praticá-la. Nos primeiros meses de aula percebi diante do trabalho dentro de minhas possibilidades que existiam falhas em minhas noções de tempo, espaço e equilíbrio. Tive dificuldades, mas acabei assimilando os ensinamentos e me integrando cada vez mais com o mundo da capoeiragem.

Os anos se passaram, comecei a me graduar na capoeira e colocar esta arte em primeiro plano. Treinava e acompanhava meu professor Vilson Aparecido Ribeiro Rodrigues – instrutor Xavante a semana inteira e quando chegava o final de semana, sempre buscava uma maneira de manter o contato com rodas, cursos, treinos, livros, filmes e confecção de instrumentos.

No ano de 2004 meu professor teve que se ausentar por um tempo e fiquei responsável pelas aulas. Ainda não estava preparado, mas conforme o ditado: “quem não tem cão caça com gato”, assumi os treinos.

Neste mesmo ano fui convocado para o Exército Brasileiro (Tiro de Guerra) e ingressei na faculdade de Educação Física onde tive a oportunidade de aprender novos conhecimentos e aplicá-los nas minhas aulas de capoeira. Comecei a dar aulas voluntárias no Instituto de Incentivo à criança e ao adolescente (ICA), desenvolvendo os conteúdos mais artísticos da capoeira, o maculelê.

Em 2005 meu professor reassumiu as aulas na academia e eu continuei treinado e ministrando aulas. Surgiu uma idéia de realizar um projeto em minha cidade. Procurei os órgãos responsáveis (Departamento de Promoção Social) e iniciei as aulas voluntariamente sob a orientação da pedagoga Graziete Bronzatto e meu professor; o instrutor Xavante.

Inicialmente atendíamos crianças e adolescentes em um projeto da prefeitura juntamente com internos da Febem e um núcleo de promoção social, totalizando 80 alunos. No meio do ano letivo estendi o projeto para mais três núcleos de atendimento, totalizando 200 alunos. Em setembro de 2005 realizei a primeira entrega de cordas para

os alunos, aumentando o compromisso deles com a capoeira e iniciando o processo de graduação.

Em 2006 continuei com as aulas e percebi que a capoeira é uma ótima ferramenta sócio-educativa, onde os alunos assimilavam valores como respeito, disciplina, compromisso, sociabilização, companheirismo, autonomia, confiança, cooperação, melhora da auto-estima e auto-realização, chamando atenção para meu trabalho de monografia.

Com o aumento do número de alunos e como os núcleos de aulas eram distantes, ficou difícil continuar o trabalho voluntariamente, surgindo a necessidade de procurar uma forma para cobrir meus gastos. Em agosto de 2006 fui contratado como estagiário de educação física, ministrando somente aulas de capoeira.

O projeto chegou a ter 240 alunos, com 6 núcleos de atendimento nas periferias da cidade, inclusive em um assentamento do MST. Fizemos em setembro de 2006 a 2ª entrega de cordas reunindo em um evento aproximadamente 300 capoeiristas, tendo uma repercussão muito grande na região de Mogi Mirim.

Logo após o evento, percebi que não seria possível ministrar todas as aulas e como era uma exigência da prefeitura que o professor de capoeira estivesse cursando Educação Física ou ser formado para ministrar as aulas, não consegui dividir minhas aulas, pedi meu desligamento como estagiário remunerado e decidi continuar o projeto voluntariamente, em uma tentativa de unificar as turmas em um Centro Cultural, investindo na qualidade do projeto, pois antes dessa mudança os alunos tinham uma aula por semana e passaram a ter duas aulas.

Atualmente continuo voluntariamente com o Projeto Capoeiragem no Centro Cultural, em três bairros afastados e um assentamento do MST, ministro aulas de Educação Física e Capoeira em uma fazenda na zona rural, em uma escola de educação infantil e em dois centros de reabilitação de dependentes químicos de ambos os sexos.

Luciano Jannuzzi - Graduado Sofrimento
Capoeira Luanda - Mogi Mirim-SP, Brasil
e-mails: sofrimentomogi@hotmail.com / jannuzziac@ig.com.br